

V CONFERÊNCIA DO SECTOR DE S. VICENTE DO PAICV

(16, 17 e 18 de Julho de 1993)

INTERVENÇÃO DO CAMARADA

PEDRO PIRES

SECRETÁRIO-GERAL DO PAICV

Mindelo, 18 de Julho de 1993

Caros convidados e amigos,

Camaradas

Agradeço-vos pela vossa presença amiga e interessada nesse acto de encerramento da V Conferência ordinária do Sector de S. Vicente do nosso Partido. É sempre gratificante ter a companhia dos amigos num acto político importante como este. É um sinal de que os amigos se interessam por aquilo que fazemos e querem estar ao facto do que pensamos sobre questões relevantes da vida nacional. Esperamos poder continuar a merecer a vossa solicitude, a vossa compreensão e a vossa já acostumada solidariedade.

Caros militantes, simpatizantes e amigos do PAICV,

Penso estar a interpretar os vossos sentimentos, ao apresentar as nossas felicitações à nova equipa dirigente do Sector de S. Vicente pelo que significa de confiança nas suas pessoas, mas também pelo que significa de esperança no trabalho que irão desenvolver. Conhecemos as qualidades e a trajectória política desses nossos camaradas. São homens e mulheres combativos, dedicados e com muita experiência. Contudo, precisarão do vosso apoio constante e da vossa solidariedade sem falhas, pois as tarefas que temos à nossa frente são imensas, exigentes e complexas, e só podem ser plenamente realizadas com o empenhamento de todos.

Precisamos de equipas coesas e solidárias na condução dos Sectores. O trabalho de direcção é, hoje, mais exigente e requer uma acção cada vez mais colegial e mais coordenada. Ao Secretário de Sector cabe essencialmente o papel de assegurar essa coordenação.

Quando não há quadros profissionais, a solução para garantir mais eficácia no trabalho reside na responsabilização de um maior número de quadros e na desconcentração de tarefas e de responsabilidades, o que pressupõe não só o estabelecimento de objectivos realistas e a programação da sua realização, mas

também o conhecimento prévio das disponibilidades de uns e de outros, pois vale mais contar com o pouco que cada um pode dar do que esperar por muito, mas incerto.

A V Conferência foi uma jornada de balanço, de reflexão e de debate sobre a actividade do Sector. Dela saíram orientações e decisões que irão, certamente, marcar positivamente o funcionamento e a intervenção do Sector nos próximos tempos.

Lutámos e resistimos, tivemos muitos êxitos. Devemos, porém, ter a consciência de que ainda muito nos resta por fazer, por reformar, por repensar. É preciso, pois, continuarmos a agir com iniciativa, criatividade e perseverança. Nem podia ser de outra forma: nós somos homens e mulheres optimistas e rejeitamos o fatalismo e a passividade.

Camaradas e amigos,

O passado é valioso na medida em que nos permita adquirir conhecimentos, ganhar experiência, aperfeiçoar os métodos de intervenção, ganhar traquejo e perspectivar o futuro com menos incertezas e menores margens de erro. Entendo que é essencialmente desse ponto de vista operativo que devemos analisar o nosso passado recente e evitar toda e qualquer tentação de cair em lamentações e flagelações estéreis e improdutivas.

O caminho é adequar as estratégias, afinar as tácticas, apurar os métodos de trabalho e aperfeiçoar os instrumentos de intervenção, reforçar o empenhamento pessoal e aumentar a disponibilidade individual.

Equivocados estão os que pensam que os povos são ingratos. Não há ingratidão em política. Ou aceitamos ser avaliados ou não. Toda discordância reside nos critérios de avaliação utilizados. E, geralmente, não há acordo sobre os critérios utilizados, que variam segundo os interesses, a cultura, a ética e as necessidades de subsistência, de reconhecimento ou de realização pessoal dos intervenientes, conforme as informações recebidas e as pos-

sibilidades de comparação existentes, enfim, de acordo com o nível de cultura política geral da população.

Quantos eleitores não dizem hoje, recusando a se identificarem com o MpD: votamos na mudança, não votamos no MpD?

Quais as conclusões e os ensinamentos que o militante do PAICV pode tirar da nossa história recente?

Ela confirma que o PAICV tem raízes profundas na sociedade cabo-verdiana, tem militantes, simpatizantes e amigos espalhados por todo o território nacional. Confirma ainda que o PAICV resistiu e venceu uma crise sem precedentes, o que significa que é forte o cimento que une os seus membros e se traduz nos seus sólidos valores político-ideológicos e morais, nos laços de solidariedade, na disciplina organizativa e na auto-confiança que os caracteriza.

Demos resposta a questões complexas e embarraçadas, tais como:

- Como agir num contexto desfavorável e recuperar um partido em crise?

- Como enfrentar e vencer uma campanha de aniquilamento lançado por um poder num momento de euforia?

Alguns profetizaram o nosso colapso, sobre nós fizeram-se conjecturas de todo o tipo. Surgiram julgadores e perfilaram-se algozes. Velhos "conhecidos" erigiram-se em "doutos professores".

Houve, é certo, entre nós, desorientações, hesitações e reações, hesitações. Mas, os militantes do PAICV sabem que a dignidade não se vende nem se compra, que a honestidade e a perseverança e a perspicácia compensam sempre.

A vida continua e também a luta!

Caros camaradas e amigos,

O 5 de Julho deste ano serviu para que se fizessem comentários diversos a propósito desse acontecimento maior da nossa história. A independência nacional pertence a todos nós. Eis uma verdade irrefutável.

A independência é uma obra cujo destinatário é o povo. E, como qualquer obra humana, o seu valor histórico, a sua perenidade e a sua força motivadora e aglutinadora dependem do grau da sua apropriação pelo destinatário. Eis outra verdade inquestionável.

O processo histórico que conduziu à formação da consciência nacional e à consciencialização da necessidade da liquidação da dominação colonial é longo, rico e complexo, porque também percorrido por fenómenos diversos, convergentes uns e divergentes outros, quando não contraditórios. A consciência política que lhe é subjacente é, pois, resultante da interacção entre as ideias e forças sociais que se enfrentaram na sociedade cabo-verdiana, colonial na altura.

O caminho não foi linear e todos deram o seu contributo, mesmo sem saber que o estavam fazendo. Todos somos cabo-verdianos e igualmente ciosos da nossa independência.

Coisa diferente é a luta de libertação nacional. Farinha e água não bastam para fazer o pão. Fica a faltar o fermento. Da mesma forma, e a história no-lo confirma, não há lutas de libertação sem os seus protagonistas, individuais e colectivos.

Outros pensam que através de mistificações se pôde reelaborar a história e atingir objectivos pessoais. Só um mistificador pode pretender convencer-nos de que em dois anos de mandato de governo se pode fazer mais do que em 15 anos de trabalho que, partindo do caos, do abandono e das misérias coloniais, se lançaram as bases do futuro do país.

Onde terá conseguido os meios humanos, materiais e financeiros, materiais para realizar tamanha proeza? Quando o que yemos é a reunião de ideias e conceitos já antes elaborados e divulgados,

implementação de reformas já concebidas e com financiamentos garantidos, a realização de projectos encontrados em carteira e a adequação de reformas políticas desencadeadas por outros. Só a arrogância, o desespero da falta de obra feita e a necessidade premente de legitimação política pode levar homens instruídos a socorrer-se de tamanhas inverdades.

Outros lançam mão do restauracionismo velado, traduzido num tradicionalismo empobrecedor, quando precisamos de ultrapassar a nossa insularidade territorial e mental, apropriar de novas formas de agir e de comportar e inserir-nos nas novas correntes de pensamento que atravessam o mundo contemporâneo e em espaços mais amplos, a fim de ganharmos os desafios da modernidade e do desenvolvimento.

Para outros, a garantia da prosperidade e da felicidade está no neo-liberalismo, quando nas sociedades industrializadas, a política neo-liberal não resolveu, nem vai resolver os problemas estruturais que enfrentam essas sociedades, tais como o desemprego, por exemplo. A política neo-liberal gera exclusões sociais e políticas, não garante a igualdade de oportunidades, não quer política que defenda a justiça social e queira combater a pobreza.

Camaradas e amigos,

Embora fosse desejo de todos nós que não haja este limites éticos na competição política no nosso país, temo que as regras do jogo são outras. Fazer o político, não é apenas dizer fazer política, é arriscar e pode ter custos pessoais. É indispensável lutar para a afirmação e o respeito dos princípios basilares numa democracia pluralista: a tolerância e o respeito da diferença, a garantia dos direitos do cidadão e a isenção do poder público. São com coragem, convicção e militância que se pode reverter de uma acção sistemática, sob diversas formas, se pode averter as regras do jogo presentes, a concentração da representação e governamentalização geral do poder, na discriminação na carrei-

ra e no emprego por razões de ordem política e no clientelismo e no de diversa natureza. de diversa natureza.

Para além dos partidos políticos, cabe papel importante à imprensa privada na garantia do pluralismo de opinião e de expressão e na denúncia dos atropelos aos princípios e regras do pluralismo político. A sociedade civil cabe participar na consolidação e no fortalecimento da imprensa privada.

Camaradas e amigos,

Tentámos caracterizar alguns aspectos da luta política no contexto cabo-verdiano que não podem ser ignorados na nossa acção como partido e homens políticos.

Do nosso lado, temos desafios a ganhar a todo o custo. Devemos preparar-nos para os enfrentar. Temos de vencer a desmotivação de muitos dos nossos e ultrapassar as atitudes e comportamentos bloqueadores, pois os factores limitativos de ordem material e financeira conhecemo-los bem. Há que pôr de lado os ressentimentos, a agressividade desnecessária, o imediatismo, a improvisação, a superficialidade e o individualismo e valorizar o trabalho programado, a coordenação das actividades e a responsabilização individual assim como os esforços quotidianos, quantas vezes invisíveis, sobre os quais repousam as realizações maiores. Os pequenos ganhos preparam as grandes vitórias. Aí reside o valor e a utilidade da militância quotidiana.

O PAICV vem aperfeiçoando os seus métodos e formas de intervenção política, mas, com audácia, deve ir mais longe através de uma intervenção política e social directa e diversificada. A esse propósito, considero oportuna uma observação de A. Occhetto:

“Na vida dos nossos partidos, é preciso libertar-nos de uma libertar- certa mentalidade pedagógica. São precisos, antes de mais, partidos e homens políticos que saibam escutar, estabelecer uma sintonia com a sociedade civil e traduzir em acções concretas as demandas e as solicitações dos cidadãos”. Dito por outras pala-Dito por

vras, quando não é possível comandar é preciso aprender a pilotar.

Como afirmei noutra ocasião, "entendo que para garantir o sucesso dos objectivos que ambicionamos, precisamos de ganhar algumas batalhas importantes. São as batalhas da renovação, do diálogo e da comunicação com a sociedade, financeira e da organização.

O PAICV assume-se como um movimento mobilizador e congregador das vontades e das iniciativas que opõem ao desgoverno do MpD. Nesse sentido, é preciso, de forma aberta e desinibida, desenvolver o diálogo com as várias forças sociais. Os membros do Partido devem participar em todas as formas de expressão ou de organização da sociedade civil, ultrapassando as clivagens deixadas pelas campanhas eleitorais.

Uma comunicação flúida, nos dois sentidos, com a sociedade garante ao nosso partido uma melhor compreensão, pelos outros, dos seus objectivos e métodos de trabalho actuais e permite a densificação da sua rede de relações sociais".

A isso acrescento a necessidade de cada Sector dispor de um órgão de imprensa, ainda que rudimentar.

Por outro lado, a política tem custos. O funcionamento dos partidos políticos exige a mobilização de meios financeiros consideráveis. Nas condições actuais, a cobrança de quotas e a recolha de fundos ganham importância e pertinência acrescidas.

A organização é outra questão fulcral. Estamos geralmente face a duas opções: ou um partido eleitoralista, uma nebulosa de contornos mal definidos, que se mobiliza para momentos e objectivos determinados, nomeadamente para as eleições, ou um partido com estrutura e órgãos funcionais que, com a agilidade e a flexibilidade que imponham o contexto sócio-político e os meios disponíveis, seja capaz de desempenhar um papel mais amplo na sociedade: de informação-formação, de animação e de enquadramento. Entendo que a primeira alternativa deve ser afastada.

Caros amigos e camaradas:

No que se refere ao Sector de S. Vicente, ele tem ainda outros dois grandes desafios que lhe são peculiares:

- O rejuvenescimento do seu corpo, processo que exige desenvolver uma urgente campanha no seio da juventude, com vista a obter a adesão dessa importante camada social para a nossa causa e, assim, recrutar novos membros.

- O desafio da sua sede. Ao ser compelido a sair do edifício onde vinha funcionando desde a independência nacional, o Sector optou pela aquisição de um prédio para a sua sede. Não obstante os enormes esforços desenvolvidos, restam ainda 1.120 contos a pagar de um montante global de cerca de 5.000 contos.

Escusado será dizer, que esses desafios, nas actuais condições de vida do Partido, só podem ser ganhos com o contributo dos seus membros, simpatizantes e amigos, pelo que reiteramos, uma vez mais, o nosso apelo.

Camaradas e amigos,

A sociedade cabo-verdiana está intranquila face aos erros, às incoerências e tergiversações, aos desmandos e à duplicidade do governo. Ela interroga-se com angústia como será o dia de amanhã. Por outro lado, a postura do partido no poder é desestruturante. Há um enorme fosso entre o seu discurso e a sua prática, não garante a previsibilidade no seu comportamento, nem inspira a confiança de que o país necessita. A sua imagem degrada-se todos os dias.

Mais do que nunca, o PAICV é um partido indispensável à sociedade cabo-verdiana.

A população de S. Vicente conhece bem essa situação e sobre ela já tirou as suas próprias conclusões, quíçá antes de nós. Os resultados das eleições autárquicas são prova disso.

Estamos certo de que o povo de S. Vicente possui potencialidades e força moral elevadas, que lhe permitem enfrentar o futuro com coragem e ultrapassar as dificuldades que tem à sua frente. Nós do PAICV estamos e estaremos com ele e no seu seio defendendo sempre os seus reais interesses.

Camaradas e amigos,

Nós do PAICV, somos homens e mulheres patriotas, homens e mulheres progressistas, homens e mulheres nacionalistas. Os nossos valores da liberdade e da generosidade, da solidariedade e da justiça social ressoam hoje com mais força. Não é possível garantir o futuro do nosso país na base da arrogância, do individualismo egoísta, do pragmatismo imediatista e do clientelismo político que são a prática corrente do MpD.

Na linha do que nos dita a nossa rica experiência, devemos continuar a aprofundar o nosso programa de sociedade, adequando-o ao contexto sócio-político cabo-verdiano, buscando a sua sintonia com as justas aspirações do nosso povo.

Como vêem, caros amigos, os desafios que nos esperam não são poucos nem fáceis. E é desde agora que devemos preparar-nos para os vencer. "Muitas vezes as dificuldades são ocasiões excelentes", escreveu Thomas Mann.

Façamos, pois, das dificuldades de hoje excelentes oportunidades, enfrentando-as com coragem, perseverança e determinação. O futuro começa hoje!

No que se refere ao Congresso, compreendo a impaciência de uns e a curiosidade de outros. Peço-vos que também compreendam a minha atitude e respeitem o meu modo de ser e de estar. Não há homens sobre-humanos. Há apenas homens e só tão somente um homem.

E não costumo dizer a mesma coisa duas vezes.

O que posso dizer é que, da minha parte farei tudo o que estiver ao meu alcance para que o PAICV saia mais forte e mais

combativo do seu VI Congresso, e esteja à altura das exigências da nova etapa política no país.

Caros amigos

Contamos com a vossa amizade, a vossa compreensão e a vossa solidariedade bem como com o vosso inestimável contributo para as batalhas políticas que se avizinham.

Juntos vamos vencer.

Obrigado: